



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

O USO DA ARTE COMO VIA DE ACESSO E ESTRUTURAÇÃO DO SELF E DO NÚCLEO PSICÓTICO

Itamar Martins Firmino
José Henrique Volpi

RESUMO

O uso da arte no projeto terapêutico para tratar de sujeitos com núcleo psicótico, enquanto instrumento fronteiro, tem seu aspecto criativo preservado ao passo que também se torna um dispositivo terapêutico. O manejo principal se dá pelo resgate do plano sensível através do uso de "objetos relacionais", tendo o corpo como principal meio de se trabalhar o sofrimento, as angústias e as potencialidades, de forma integrativa que promove maior estruturação de si: do "eu". A proposta deste trabalho é relacionar as ideias da Estruturação do Self de Lygia Clark com a Abordagem Reichiana voltando-se para o tratamento de indivíduos que se encaixam no diagnóstico de Núcleo Psicótico.

Palavras-chave: Arte. Estruturação do Self. Lygia Clark. Núcleo Psicótico. Objetos relacionais.

Isso é um exercício para a vida. Se a pessoa, depois de fazer essa série de coisas que dou, consegue viver de uma maneira mais livre, usar o corpo de uma maneira mais sensual, se expressar melhor, amar melhor... Isso no fundo me interessa muito mais como resultado do que a própria coisa em si que eu proponho a vocês (CLARK, 2004, p. 125).

O híbrido arte-clínica de Lygia Clark – a Estruturação do Self (ES) – tem o corpo como principal recurso, e utiliza objetos diversos para intermediar a relação terapêutica, na forma de uma ponte simbólica, por meio da estimulação sensorial que promove sensação e percepção de si, diferenciação, contorno, estruturação e maternagem. É uma proposição entre a arte e a terapia que não se fecha entre o proponente e o indivíduo, pois lança mão de recursos artísticos e relacionais para tocar o saber do corpo: é a sensibilidade do terapeuta diante do campo relacional que se forma que entra em ressonância com a sensibilidade e/ou resistência do paciente. O paciente se torna protagonista, e o objeto relacional um terceiro que não dispensa o terapeuta. É a partir do ato que se tem a arte, e não a arte usada apenas como instrumento, ela é um produto da ação conjunta, num processo que é potente e criativo, sendo único e estabelecido a partir de cada relação terapêutica.

A intenção deste artigo é relacionar as ideias da ES e os Objetos Relacionais de Lygia Clark com a psicoterapia de abordagem reichiana, para então pensar quais são as contribuições da terapêutica no manejo sensível de integração/maternagem do sujeito núcleo psicótico, sem que se perca o caráter criativo de sua proposição.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

O diagnóstico do núcleo psicótico e o projeto terapêutico

A teoria do caráter, de Wilhelm Reich, surge como uma tentativa de compreender as diferenças individuais e as formas como os traumas e as experiências emocionais influenciam a personalidade. Ele desenvolveu a teoria do caráter como uma forma de entender as relações entre o corpo e a mente, e como as emoções e as vivências traumáticas se expressam no corpo. As emoções e os traumas são armazenados no corpo em forma de couraças, que podem ser identificadas por meio da análise do tônus muscular e da respiração. Além disso, Reich identificou vários tipos de caráter, onde cada tipo se forma a partir de experiências específicas na infância e tem características emocionais, comportamentais e corporais distintas (GOLDMAN, 2020; VOLPI, 2008).

Federico Navarro (1995) faz um resgate do discurso de Wilhelm Reich acerca do caráter, expandindo sua compreensão para pensar também em traços de caráter de cobertura, que funcionam como a defesa da defesa, e faz uma atualização dos termos definindo uma caracterologia pós-reichiana. Ele especifica o caráter enquanto uma constituição madura, genital; e caracterialidade como conjunto de traços imbricados aos bloqueios dos níveis corporais.

Temperamento e caracterialidade formam a personalidade do indivíduo. Já no início da concepção da vida, diferentes fatores estressores irão gerar marcas no indivíduo, marcas a depender do estágio: endócrino, fetal e neonatal; e a depender também da intensidade do estresse (NAVARRO, 1995). A fase intrauterina é um período crítico na vida do indivíduo, no qual ocorrem importantes processos de desenvolvimento. Durante essa fase, o feto está em constante interação com o ambiente intrauterino, respondendo a estímulos físicos e emocionais. Segundo Goldman (2020), as emoções e os traumas vivenciados pela mãe durante a gestação, parto e nos 10 primeiros dias de vida podem afetar o desenvolvimento do bebê. Por exemplo, se a mãe estiver sob forte estresse emocional, isso pode afetar a circulação sanguínea e a oxigenação do feto, o que pode ter consequências a longo prazo para a saúde e o desenvolvimento emocional da criança. As experiências intrauterinas podem afetar a personalidade do indivíduo na idade adulta. Por exemplo, se o feto passou por uma gestação difícil ou traumática, isso pode levar a uma personalidade mais ansiosa, retraída ou agressiva na idade adulta (GOLDMAN, 2020).

No dinamismo das relações, as reações de um indivíduo são sempre neurovegetativas e musculares; que respondem contraindo em situações frustrantes e se expandindo em



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

situações gratificantes. No caráter do eu – o corpo, as funções neurovegetativas se contraem reprimindo aspectos funcionais diante de conflitos geradores de angústia, o que forma os traços caracteriais. De acordo com Navarro (1995, p.26) “na estrutura de caráter funcionam dois princípios econômicos da formação do caráter: o de evitar a angústia com certas manifestações de conversão, ou de reter a angustia, quando não é possível evitá-la, de modo que ela não nos prejudique e nos faça sofrer”. Não se pode dizer de um caráter psicótico ou ocular, ao se considerar que o psicótico não possui um eu: na verdade é um estado vegetativo, pois não há consciência de corpo (NAVARRO, 1995).

O psicótico vive em um estado de alienação de si e do mundo, decorrente de sentimentos de profunda angústia vivenciados no início de sua história de vida. Esses sentimentos são experienciados pelo bebê desde o período de gestação até aproximadamente seus dez primeiros dias de vida, e são recebidos como uma ameaça à sua integridade. Devido à fragilidade do organismo nesta etapa do desenvolvimento, o estresse vivido inscreve-se em seu padrão de funcionamento global e delimita seu jeito de ser. Isso impossibilita o psicótico de reconhecer a si mesmo plenamente e ao mundo, pois viver e entrar em contato com a realidade lhe trazem a sensação de medo (NAVARRO, 1991; 1996a).

Segundo Navarro (1991; 1996a) a etiologia da doença é intrauterina e determinados fatores, tais como tentativas de aborto, uso de drogas, sentimento de culpa ou hostilidade destinados ao bebê, entre outros, podem causar um estresse excessivo na história evolutiva do indivíduo, ocasionando a contração de seu organismo como forma de defesa. Essa situação prejudica o fluxo de energia pelo corpo e reduz seu patrimônio energético, promovendo repercussões negativas no desenvolvimento neuropsicofisiológico.

A estrutura psicótica é caracterizada pela perda do contato com a realidade e pela fragmentação do ego. Há uma falha na capacidade de integrar as informações sensoriais e emocionais, o que leva a uma distorção da percepção da realidade. Os indivíduos com essa estrutura podem apresentar alucinações, delírios e comportamentos incomuns. Goldman (2020) enfatiza que não é uma condição fixa e imutável, mas sim uma tendência que pode ser influenciada por fatores ambientais e traumáticos. O terapeuta deve criar um ambiente seguro e empático para o paciente, permitindo que ele explore suas experiências emocionais e sensoriais de forma livre e sem julgamentos. O trabalho com o corpo também é valorizado, com técnicas de relaxamento muscular e respiração que ajudam a liberar as tensões físicas e emocionais. A abordagem reichiana pode ser uma opção valiosa para indivíduos que buscam



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

uma abordagem integrativa e empática para o tratamento da estrutura psicótica (GOLDMAN, 2020, p.149-157).

O psicótico apresenta um baixo limiar de frustração que está relacionado à falta de estruturação do seu caráter durante sua história de vida. Ele não possui um caráter bem estruturado, apenas um temperamento que foi formado a partir das suas características congênitas, fisiológicas e morfológicas (NAVARRO, 1995). Devido à falta de energia vital, o psicótico vive em um estado em que não consegue reconhecer uma imagem madura de si mesmo e do outro. O esquizofrênico, por exemplo, cria uma realidade baseada em suas próprias projeções, porque não "enxerga" o outro como um ser separado de si mesmo. Essa realidade é uma forma de sobrevivência, já que o primeiro contato do psicótico com o mundo, ou seja, o ambiente uterino juntamente com o campo energético que envolvia a mãe, lhe proporcionou uma sensação de perigo, frieza e insegurança (NAVARRO, 1996a).

O projeto terapêutico para tratamento psicoterápico é uma construção singular que requer escuta ampliada e habilidade em lidar com as resistências, transferências e contratransferência do paciente. É importante permitir-se moldar e acoplar ao outro de acordo com a simpatia-empatia, reconhecendo que a relação terapêutica é permeada de afetividade. Na visão reichiana, o observador e o observado formam uma unidade funcional na relação terapêutica, onde a funcionalidade e sensorialidade se manifestam pela possibilidade da afetividade energética. O manejo das resistências requer observação e apreensão sensorial, sem priorizar a interpretação racional (SILVA & VOLPI, 2020).

De acordo com Silva e Volpi (2020), Reich destaca a importância de tornar objetiva a sensação subjetiva do paciente, separando-a do estímulo e identificando a origem deste estímulo. É preciso compreender as expressões corporais do paciente e se identificar com ele, considerando que a capacidade de se relacionar está ligada à livre pulsação ou fluidez energética do organismo. A qualidade do contato entre terapeuta e paciente depende do estado energético de ambos, e exige uma observação equânime do outro, livre de preconceitos e visão de mundo (SILVA & VOLPI, 2020).

A sensação de órgão é fundamental para apreender as impressões neurovegetativas do paciente e perceber intuitivamente o que é comunicado. A pulsabilidade do outro pode ser percebida através de sua expressividade verbal, tônus muscular e movimento respiratório. É preciso desenvolver a capacidade empática de apreensão para sentir essa pulsabilidade e chegar a entendimentos intuitivos acerca do que é comunicado. Portanto, a construção do projeto terapêutico requer sensibilidade, observação e apreensão sensorial, além da



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

capacidade de se identificar com o paciente e permitir que o intelecto trabalhe na objetivação do fenômeno (SILVA & VOLPI, 2020).

Para Boadella (s/d), em consonância com o exposto acima, o estado de ressonância é uma conexão genuína entre o paciente e o terapeuta, que permite uma verdadeira relação entre os dois. Para alcançar esse estado, é necessário transpor a interferência causada pelos processos de transferência e contratransferência que ocorrem durante o processo terapêutico. Esse estado ressonante é caracterizado por uma sintonia entre os seres que permite a percepção e o diálogo claros.

No entanto, para que o terapeuta possa perceber e interpretar corretamente os sinais do paciente, ele deve estar suficientemente consciente de si mesmo. Isso significa que ele deve ser capaz de distinguir a origem de suas próprias sensações e emoções, que podem ser reflexos de suas próprias vivências pessoais, ou então uma reação contratransferencial ao estímulo do paciente, ou ainda, uma forte conexão empática ressonante. Esse estado ressonante é extremamente importante no processo terapêutico, pois permite ao terapeuta entender melhor o paciente e ajudá-lo a lidar com seus problemas. Portanto, é essencial que o terapeuta seja capaz de reconhecer e cultivar essa conexão ressonante durante a sessão de terapia (BOADELLA, s/d).

Nas palavras de Neidhoefer (1994, p. 59) “A capacidade decisiva para o trabalho corporal é a capacidade de sentir em meu próprio corpo o que está acontecendo no corpo da outra pessoa. Vou repetir: é a capacidade de sentir em meu próprio corpo o que está acontecendo no corpo da outra pessoa”. Loil Neidhoefer (1994) traz o conceito de streaming como um dos principais pilares para a realização de trabalhos corporais. Esse conceito refere-se à sensação de fluxo que ocorre no corpo durante a realização de movimentos corporais. O streaming é uma forma de acessar a sabedoria inata do corpo e promover a cura física e emocional. É uma experiência na qual o corpo se move em resposta às sensações internas, sem a interferência da mente racional. Ele acredita que, ao permitir que o corpo se mova de forma intuitiva e espontânea, é possível liberar bloqueios emocionais e físicos que podem estar impedindo o fluxo de energia vital no corpo (NEIDHOEFER, 1994).

O streaming não é apenas uma técnica física, mas também uma forma de conexão com o mundo ao nosso redor. Ao acessar a sabedoria inata do corpo e permitir que ele se mova intuitivamente, entrar em contato com o fluxo da vida, podemos nos tornar mais conscientes e presentes em nossas vidas diárias, é possível promover a cura física e emocional (NEIDHOEFER, 1994).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

Para o paciente que possui um traço de caráter núcleo psicótico, é ideal que haja por parte do terapeuta uma postura semelhante a um útero bom, que acolha e não ameça, que respeite os limites do paciente, e transmita confiança e segurança. Segundo Volpi e Volpi (2020, p. 79) “o terapeuta deve ser o foco que representa a mãe que o paciente não encontrou quando nasceu”. Ou seja, tornar claras suas fantasias e confusões, levando à uma maior maturidade. Verbalmente, também é necessário ajudar a tornar claras suas ideias e pensamentos, não permitindo que o sujeito se perca em sua própria cabeça (VOLPI & VOLPI, 2020).

A Estruturação do Self (ES) e os “objetos relacionais”

Lygia Clark, mineira, nascida em 1920, uma das principais fundadoras do Neoconcretismo, possibilitou novas percepções e sensações por meio de suas proposições, rompendo e superando o cartesianismo mecanicista, e modificando a própria obra de arte. Suas propostas integravam o espectador à obra, dando ao corpo o lugar de objeto da arte, tornando-se ele parte da obra – participante-protagonista (MILLIET, 1992). Sua vida foi marcada pela manifestação de uma ideia que se materializou em uma obra excepcional, que se desenvolveu gradualmente desde os anos 1940 até os anos 80. Essa ideia está relacionada à tentativa de unir a arte e a vida, ganhou radicalidade e culminou na sua obra final, a Estruturação do Self (ES), produzida por meio de seus Objetos Relacionais. Ela buscava libertar a arte de seu confinamento em uma esfera especializada e torná-la uma dimensão da existência de todos, contaminando o espaço social e a vida do cidadão comum com a arte (ROLNIK, 1999).

A ES foi a primeira sistematização terapêutica proposta por Lygia Clark com os objetos relacionais, na tentativa de tornar o ato criativo um ato terapêutico, em que se trabalhava sobre a atividade imaginativa do corpo. Sobre esses objetos: “(...) Saquinhos de plástico ou de pano, cheios de ar, água, areia ou isopor; tubos de borracha, canos de papelão, panos, meias, conchas, mel, e outros tantos objetos inesperados (...)” (ROLNIK, 2015, p. 4). Para que se chegue a uma compreensão dessa terapêutica, é preciso entender antes o que é o objeto relacional e sua função:

O "objeto relacional " não tem especificidade em si. Como seu próprio nome indica é na relação estabelecida com a fantasia do sujeito que ele se define. O mesmo objeto pode expressar significados diferentes para diferentes sujeitos ou para um mesmo sujeito em diferentes momentos (...). A



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

sensação corpórea propiciada pelo objeto é o ponto de partida para a produção fantasmática. O "objeto relacional" tem especificidades físicas. Formalmente ele não tem analogia com o corpo (não é ilustrativo), mas cria com ele relações através de textura, peso, tamanho, temperatura, sonoridade e movimento (deslocamento do material diversificado que os preenche) (CLARK, 1980, p. 49).

Os objetos se misturam ao corpo evocando sensações, daí se derivam emoções, medos, desejos, fragilidades, memórias e traumas. Lygia “pensa a arte integrada à vida como força transformadora capaz de desinibir nossos desejos, realizar o imaginado” (MILLIET, 1992, p. 102). O ato é terapêutico à medida que dá um lugar para o sujeito, seja ele de acolhimento, escuta ou expressão. O ato é terapêutico, pois gera transformações na subjetividade, rompe com modelos de subjetivação, e, torna o corpo fonte de conhecimento. É na entrega do expectador que tanto conteúdo se emerge “de espectador em espectador o que ela pretende é que se possa fazer da existência uma obra de arte” (ROLNIK, 1998, p. 6).

Os objetos e materiais nas proposições de Lygia Clark tem um papel propulsor e catalisador, apesar de sua ênfase na importância do ato em detrimento do objeto em si. Cada material escolhido por Clark traz consigo uma potência expressiva e sensitiva, com qualidades como textura, temperatura, flexibilidade, durabilidade, cor e cheiro, que fazem emanar energias e estados específicos no ato. Assim, a imanência do ato só é possível pelas qualidades dos objetos escolhidos pela artista. O objeto pode resgatar dimensões perdidas ou esquecidas do corpo, que se revelam no encontro com o outro, pois os materiais são signos carregados de sentidos e conexões ideológicas. Clark reconhece que seus processos dizem respeito a um compartilhar da obra, e os objetos agem como pontes entre sua corporalidade e a dos participantes (STRATICO, 2012).

Lula Wanderley (2002), continuador da ES de Lygia Clark, traz uma reflexão profunda sobre a relação entre o corpo e a mente: a interioridade imaginária do corpo – que se refere à percepção subjetiva do corpo como uma entidade psíquica, e não apenas física. A interioridade imaginária do corpo é uma construção simbólica que se desenvolve ao longo da vida, a partir de experiências corporais significativas. Essas experiências podem ser traumáticas ou prazerosas, e deixam marcas emocionais que se refletem na forma como o indivíduo percebe e se relaciona com o próprio corpo (WANDERLEY, 2002).

A partir desse ponto de vista, o corpo deixa de ser visto apenas como uma máquina biológica, e passa a ser entendido como um símbolo complexo, capaz de expressar emoções, memórias e desejos. Nesse sentido, a interioridade imaginária do corpo pode ser entendida



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

como uma espécie de linguagem não verbal, que permite ao indivíduo se comunicar consigo mesmo e com o mundo que o rodeia. Portanto, é preciso resgatar a interioridade imaginária do corpo, reconhecendo sua importância como fonte de significado e expressão pessoal. Isso implica em valorizar as experiências corporais, cultivar a consciência corporal e buscar uma relação mais saudável e autêntica com o próprio corpo (WANDERLEY, 2002).

Segundo Wanderley (2002) quando os objetos relacionais são:

Experimentados em conjunto, lembram ou guardam uma certa analogia com o ambiente primário que envolve o corpo. Digo primário porque tal analogia não se refere aos aspectos formais deste ambiente, mas sim as qualidades plurissensoriais gravadas numa memória pré-verbal do corpo. E no fluxo entre o cheio e o vazio, no movimento da ausência e da presença, no dentro e no fora, no leve e no pesado, no quente e no frio etc..., nesta relação corpo/espaco/objeto/ambiente, os objetos deixam de ser vários e ganham unidade (WANDERLEY, 2002, p. 35).

Lygia utilizava os objetos aplicando o método de Sapir, relaxação por indução verbal, uma vez por semana. Então, abandonou o método de indução e aumentou a regularidade das sessões para três vezes por semana, por uma hora, o que possibilitava maior elaboração da fantasmática provocada no contato com os objetos. Segundo Lygia, a manipulação do objeto aciona a vivência da linguagem pré-verbal, tocando o núcleo psicótico, e contribuindo para a formação do ego do sujeito. Ainda, o objeto é passível das tendências agressivas e/ou amorosas do sujeito, num acting-out, em que se vivencia no concreto essa descarga afetiva (CLARK, 1980).

Na ES tal qual proposta por Lygia, pede-se que a pessoa se deite num colchão de plástico recheado de isopor – esse é um detalhe importante, pois com o peso do corpo o colchão forma sulcos, dando contorno ao corpo. Podendo estar vestido, ou com poucas roupas, inicia-se com uma massagem na cabeça e sua compressão com as mãos, então trabalha-se todo o corpo em sua extensão, Lygia descreve que juntava as articulações docemente com firmeza, como se “colando os pedaços do corpo”. Então, trabalha-se o corpo inteiro friccionando almofadas leves, em especial na planta dos pés e palma das mãos. Após, coloca-se uma pedra em uma das mãos, essa pedra na mão é fundamental, pois será vivida como objeto concreto, não sendo nem o sujeito nem o mediador, mas uma prova do real (CLARK, 1980). Ao introduzir a pedra em sua terapêutica – que se vale de prova do real, serve para evitar sua desorganização e para que na transferência o terapeuta não seja só o que há de apoio, mas a relação em si, permeada pelo terapeuta-objeto-paciente, fortalecendo a vinculação (CLARK, 1984).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

Suas descrições do método seguem, e ela de forma bastante intuitiva, passa sobre o corpo os objetos relacionais, “sacos plásticos contendo água”, “cheios de ar”, “soprando ar quente por um tubo”. Almofadas leves e pesadas são dispostas sobre o corpo ou do lado fazendo contorno, as pesadas ocupam os vazios do corpo, entre as pernas, por exemplo. Não há um método de disposição dos objetos na descrição de Lygia se não pelas sensações do sujeito que guiam o processo, um vazio no peito pode ser preenchido com um apertar de mãos ou um objeto pesado. As sensações do sujeito e as sensações da terapeuta durante o processo “coloco minha mão como uma concha no rosto da pessoa, no ventre, ou em outra parte, dependendo das fissuras que ela expressa. Em alguns casos o afastamento de minhas mãos do corpo é sentido como fragmentação, como perda de uma parte do corpo” (CLARK, 1980).

Já para o final da terapêutica, Lygia pede que o sujeito se espreguice longamente, e então fornece um saco de ar para ser estourado, ao tempo que massageia a cabeça e os cabelos, possibilitando a passagem do acting-out, e que a pessoa, se quiser, ao estourar o saco libere sua carga afetiva. O objeto relacional é um receptáculo para receber os ataques do sujeito. E se caso estoure, a terapeuta fornece um novo saco para ser preenchido, num movimento simbólico de reparação do objeto bom, reforçando o ego e desculpabilizando o sujeito (CLARK, 1980).

A ES “se dá no espaço pré-verbal. Durante esta fase do trabalho, o silêncio é totalmente respeitado e a palavra intervém depois que a pessoa quiser expressar verbalmente imagens ou sensações vividas, ou ainda na sessão seguinte se ela notou modificações em seu comportamento no real” (CLARK, 1980, p. 52). A ES consiste na maternagem, estabelecer entre o mediador e o sujeito, de modo real e simbólico, uma relação análoga à que existiria entre uma “boa mãe” e seu “filho”, promovendo reparação por meio de satisfações das quais fora privado. Ao mediador, cabe identificar as necessidades do sujeito e responder a elas com o toque e o contato, trata-se de um manejo afetivo e não analítico. Lygia descreve alguns sintomas e reações que o paciente demonstra ao temer uma “super mãe”: asfixia, tosse, esmagamento, sensação de peso que o sufoca. Ela também relata a aplicação do método em diferentes estruturas da personalidade, e para diferentes problemas psicológicos, desde uso abusivo de substâncias a distúrbios sexuais. Ainda, descreve dois métodos para tirar o sujeito de um estado regressivo, que seria a genitalização e a verticalização. Na genitalização, coloca almofadas pesadas sob as pernas e sob o sexo genital; na verticalização, após a aplicação da Estruturação do Self, coloca



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

almofadas pesadas na base dos pés e mãos, faz pressão na cabeça, para que a pessoa se sinta de pé ainda deitada e não regrida (CLARK, 1980).

Ao longo do processo, Lygia foi incorporando outros objetos, que apresentados por seus pacientes, e até mesmo um objeto relacional “gota de mel”, que foi incorporado por uma psicóloga que desempenhava a ES. Lygia molhava os lábios do paciente com água, e pingava mel na boca, após, aplicava a luz de uma lanterna nos lábios, para ao aquecer, o mel proporcionar a sensação de estar alimentado, preenchido. Ela relata também o uso de recursos sonoros, como várias conchas do mar em uma peneira, a qual ela manipulava proporcionando sonoridade no ambiente terapêutico (CLARK, 1984).

Não é abandonar a arte, o que Lygia Clark propõe, nem eventualmente trocá-la pela clínica, mas sim habitar a tensão de suas bordas. Por colocar-se nesta zona fronteira, sua obra tem virtualmente a força de “tratar” tanto a arte quanto a clínica para que estas recuperem sua potência de crítica ao modo de subjetivação ambiente; potência de revitalização do estado de arte, de que depende a invenção da existência. Seria esta sua utopia? (ROLNIK, 2015, p. 112).

A ES de Lygia Clark tem sido mal-entendida como uma obra terapêutica em vez de uma obra de arte, em parte devido ao fato de a própria artista ter se referido a si mesma como terapeuta e ter usado conceitos psicanalíticos para explicar sua proposta. No entanto, os psicanalistas não se interessaram pelo assunto e os críticos não acompanharam essa virada na obra de Lygia. A presença de conceitos como "morcellement" e "fantasmática do corpo" no discurso de Lygia é um exemplo do psicanalismo em sua obra, mas sua proposta visava reconstruir-se a partir da experiência do encontro com a alteridade variável e dinâmica, superando o terror ao despedaçamento, e não vomitar a fantasmática do corpo. Os objetos relacionais utilizados por Lygia eram em parte criações novas e em parte obras anteriores que migraram de etapa em etapa, integrando-se a novas práticas até desembocarem em sua última obra. A banalidade dos materiais utilizados nesses objetos ganha o sentido de fazer dessa experiência um encontro de outra ordem com as coisas da vida de todo dia, que se contamina dessa familiaridade com o processo vital (ROLNIK, 1999).

A proposta de Lygia supera a separação entre os domínios artístico e psicoterapêutico, criando um território totalmente novo que permite a integração da escuta do corpo à experiência psíquica. A singularidade da proposta de Lygia está na criação de condições para a escuta desse plano, que está vinculado à descoberta da vida que está em



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

tudo, através da vivência de seus objetos. Com sua última obra, Lygia não criou objetos para fins terapêuticos, mas sim explorou o potencial terapêutico de sua proposta, que revelou o potencial vital da arte como atividade de semiotização quando integrada à subjetividade de qualquer indivíduo (ROLNIK, 1999).

Uma aproximação entre a Vegetoterapia e a Estruturação do Self

A ES dialoga com a Vegetoterapia ao apostar na arte contemporânea com o mesmo intuito que Federico Navarro lança mão da técnica: de resgatar a condição natural de ser humano, pela via da sensibilidade e da condição de estar no mundo, o que rompe a cisão razão versus intuição, sensibilizando a primeira pela via segunda (NAVARRO, 1996b). E é exatamente onde se insere a obra de Lygia, ao deixar de ser representação e se tornar expressão. Este trabalho propicia limites que o sujeito núcleo psicótico não possui ou nele se encontram precários. É importante situar o sujeito-corpo na esfera do sentir, privilegiando a via corpórea em detrimento da racionalização, em especial, na postura de maternagem (CLARK, 1984).

Federico Navarro (1996b) busca com seu trabalho na vegetoterapia, devolver ao ser humano a oportunidade de ser livre, segundo o neuropsiquiatra “a liberdade como fato íntimo é a descoberta do próprio biorritmo”. Federico Navarro reconhece a perda progressiva da percepção do real que o humano tem sofrido, do corpo em si e das necessidades à ele ligadas, adequando-se antes ao ritmo de um papel social em detrimento de seu próprio ritmo biológico, é aí que ele se preocupa com o seu trabalho e o desenvolvimento da metodologia da vegetoterapia caracter-analítica. É na estrutura emocional humana, que está calcada sua busca de valores, ou seja, na estrutura caracterial, na qual a expressão é o principal elemento, assim como almejava Lygia Clarck com suas proposições e por fim com sua terapêutica (NAVARRO, 1996b).

Segundo Navarro (1996b, p. 9) a vegetoterapia caracter-analítica é “uma vivência de práxis emocional, que permite ao indivíduo mudar a relação e a valoração do mundo por meio de uma visão e um sentir naturais, e com isso chegar a um “ser com” e não um “ser para”. Trata-se, no entanto, de uma metodologia e não uma técnica, pois não é mecânica, e não é também uma técnica de liberação emocional, mas um projeto, que visa restabelecer o contato humano para reencontrar a alegria de viver (NAVARRO, 1996b).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

O trabalho de massagem realizado por Lygia tinha um caráter mais relaxante que diagnóstico, no entanto, se associado à massagem reichiana profunda, capaz de identificar tensões musculares crônicas, pode ter uma dupla funcionalidade, uma vez que a massagem reichiana, apesar de alguns incômodos, também possui um caráter relaxante e estruturante para o sujeito. Na vegetoterapia trabalha-se seguindo os sete segmentos corporais de acordo com os padrões de tensão, os níveis: olhos-ouvidos-nariz, boca, pescoço, tórax (inclusive os braços), diafragma, abdômen e pélvis (incluso as pernas); Lygia não define segmentos, mas trabalha toda a extensão da pele, que integra o primeiro nível olhos-ouvidos-nariz, podendo levar a pensar sua terapêutica, como uma terapêutica para o Núcleo Psicótico, algo que a mesma reivindica para seu trabalho (CLARK, 1980; NAVARRO, 1996b). Segundo Leloup (1998, p. 9) “a pele é a ponte sensível do contato com o mundo... é o nosso órgão mais extenso, é o nosso código mais intenso, um lar de profundas memórias”.

Tanto na Vegetoterapia quanto na Estruturação do Self, trabalha-se intervenções corporais – sucedidas de análise, que provocam reações neurovegeto-emocionais e musculares capazes de evocar e estruturar a psicoafetividade, em casos, reestruturar. O que é colocado em evidência é o sentir da sua condição de ser e estar no mundo. No trabalho de Lygia não há uma preocupação com os diferentes níveis, sendo seu trabalho bastante intuitivo na medida em que diferentes sensações e representações são evocadas à cena do ato criativo. Uma outra diferenciação considerável é o fato de as pernas estarem retas sob o colchão de isopor com a intenção que o mesmo crie uma contenção e marque os limites do corpo, quando na vegeto, os joelhos ficam dobrados. Apesar de diferenças técnicas, a intenção desse artigo é pensar o principal ponto de encontro de ambas terapêuticas, e é na intencionalidade de maternar um sujeito núcleo psicótico que se cruzam. Enquanto a vegeto está estruturada como um projeto que acompanha o sujeito da concepção até a genitalidade, o trabalho da ES foca na função útero e mãe, pois dedica-se na maternagem do sujeito (CLARK, 1980; NAVARRO, 1996b).

Azevedo (2020) fala sobre a importância e a necessidade de desenvolver recursos próprios para o manejo do núcleo psicótico. A Vegetoterapia, por exemplo, possui boa funcionalidade no desbloqueio do nível ocular, e ainda que a fase intrauterina seja alcançada pela metodologia, são necessárias outras técnicas para que se desenvolva um trabalho eficiente no amadurecimento dessa etapa. Trabalhar o caráter sem antes trabalhar as bases sobre as quais ele se edifica pode ser perigoso, colocando em risco a estrutura da



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

personalidade ao deixar desvelado o núcleo psicótico, sob perigo de explosão desse núcleo (AZEVEDO, 2020).

Conclusão

O trabalho de Estruturação do Self possibilita contornos ao sujeito, além de evocar a produção fantasmática e situá-lo no real, esse contorno propicia limites que o sujeito núcleo psicótico não possui ou se encontra precário, ao mesmo tempo, o trabalho com os objetos relacionais proporciona a diferenciação entre eu e outro, ao se valer de cheios e vazios, leves e pesados, evocando no próprio corpo essas sensações, de buracos, de vazios, de cheios e a diferenciação corpo versus objeto. O que leva a emergir conteúdos e sua recorrente simbolização. A terapêutica contribui no manejo sensível de integração/maternagem do sujeito núcleo psicótico através do seu potencial em ajudar o paciente a entrar em contato com o próprio corpo, a se reconectar com seu corpo. Isso é particularmente importante para os pacientes psicóticos, o que pode ajudar a reduzir a ansiedade e a promover a sensação de segurança e conforto.

Resgatar o trabalho de Clark a partir de uma psicoterapia que também se interessa pelo corpo integrado, é uma possibilidade de manter vivo seu legado e ampliar as formas de se trabalhar em psicoterapia corporal. O diferencial está no lugar que se dá ao corpo-sujeito enquanto agente ativo no processo, e o uso do trabalho simbólico que se faz tendo o corpo como premissa, por meio da ativação de sua fantasmática na relação trina que se estabelece terapeuta-objeto-paciente, e tudo isso, tendo o sujeito e o seu corpo como centrais, valorizando o potencial de crescimento e de mudança no presente, no ato criativo, em contra partida à ênfase nas experiências passadas e nas neuroses.

O trabalho corporal é arte, não ciência. A poesia do anseio é sua linguagem, não a prosa do relatório clínico. Ele se dá no relacionamento "humano" e não no "terapêutico" (NEIDHOEFER, 1994, p. 15-16).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria de Melo. **Nascer de novo**: terapia de uma condição intra-uterina. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) **Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, 2020, módulo 2. Acesso em: 27/02/2023.

BOADELLA, D. **Trasferência, ressonância e interferência**. Energy & Character – International Journal of Biosynthesis, s/d. Disponível em:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

<<https://www.energyandcharacter.com/wpcontent/uploads/2018/08/free-article-4.-PORTUGUES-Transfere%cc%82nciaRessonancia-e-Interfere%cc%82ncia.pdf>>. Acesso em: 27/02/2023.

CLARK, Lygia. **Arte Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

CLARK, Lygia. **Memória do corpo**. FUNARTE, 1984. In: Associação cultural Mundo de Lygia.

CLARK, Lygia. In SCOVINO, F. e CLARK, A. (org.). **O Mundo de Lygia Clark**. Rio de Janeiro: Associação Cultural O Mundo de Lygia Clark, 2004.

GOLDMAN, Julio. **Fundamentos da clínica reichiana**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

LELOUP, J. Y. **O corpo e seus símbolos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MILLIET, M. A. **Lygia Clark: Obra-trajeto**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

NAVARRO, Federico. **A somatopsicodinâmica das biopatias: Interpretação reichiana das doenças com etiologia desconhecida**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1991.

NAVARRO, Federico. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: SUMMUS EDITORIAL, 1995.

NAVARRO, Federico. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: SUMMUS EDITORIAL, 1996a.

NAVARRO, Federico. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica: sistemática, semiótica, semiologia, semântica**. São Paulo: Summus, 1996b.

NEIDHOEFER, L. **Trabalho corporal intuitivo: uma abordagem reichiana**. São Paulo: Summus, 1994. ISBN 85-323-0476-1.

ROLNIK, Suely. **Por um estado de arte**. A atualidade de Lygia Clark. In: Núcleo Histórico: Antropofagia e Histórias de Canibalismos, São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998, p. 456-467.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

ROLNIK, Suely. **Molda-se uma alma contemporânea: o vazio-pleno de Lygia Clark**. In: The Experimental Exercise of Freedom: Lygia Clark, Gego, Mathias Goeritz, Hélio Oiticica and Mira Schendel. Los Angeles: The Museum of Contemporary Art, 1999.

ROLNIK, Suely. **Lygia Clark e o híbrido arte/clínica**. Concinnitas, 16, v. 01, n. 26, 2015.

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique. **Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana**. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2020. Disponível em: http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm. Acesso em: 27/02/2023.

STRATICO, Fernando A. **A relação corpo/objeto e o discurso poético das proposições de Lygia Clark**. Revista: Estúdio, v. 3, n. 5, p. 142-147, jan./fev. 2012. ISSN 1647-6158.

VOLPI, José Henrique. **Caracterologia pós-reichiana**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm. Acesso em: 27/02/2023

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Tipologias de caráter segundo a análise reichiana**. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) **Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal**. Modulo 1, Aula 2. Curitiba: Centro Reichiano, 2020. Acesso em: 28/02/2023.

WANDERLEY, Lula. **O dragão pousou no espaço**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FIRMINO, Itamar Martins; VOLPI, José Henrique. O uso da arte como via de acesso e estruturação do self e do núcleo psicótico. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos_livres.htm>. Acesso em: ____/____/____.

AUTOR

Itamar Martins Firmino / Senador Firmino / MG / Brasil

Psicólogo CRP – 04/69205 pelo Centro Universitário Governador Ozanam Coelho - UNIFAGOC. Cursando Especialização em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como psicoterapeuta corporal, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: itamarmartins491@gmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08-3685), Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Ericksoniana, Psicodrama e Brainspotting. Psicoterapeuta Corporal Reichiano, Analista psicocorporal Reichiano formado com o Dr. Federico Navarro (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Especialista em Acupuntura clássica e Método Ryodoraku (eletrodiagnóstico computadorizado de medição da energia dos meridianos do corpo). Mestre em Psicologia da Saúde. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br